

O LUGAR DAS EMOÇÕES E DOS AFETOS NA ÉTICA DA RESPONSABILIDADE DE HANS JONAS: UM CONTRASTE COM A PERSPECTIVA EMOTIVISTA

The place of emotions and affections in Hans Jonas's ethics of responsibility: a contrast with the emotivism perspective

Eduardo José Lima de Oliveira¹

Resumo: Mediante o assustador avanço da técnica e da ciência todas as éticas que até então se manifestaram na história da humanidade não dão mais conta de resolver determinadas questões, pois todas as propostas éticas tradicionais são insuficientes (não inúteis) pelo fato de serem ou antropocêntricas ou imediatistas em si. No *Princípio Responsabilidade* Jonas a propõe a preencher estes espaços que estas éticas tradicionais não conseguem mais dar conta. Tomando essa proposta como referencial é que este trabalho se empenha em destacar o lugar das emoções e dos afetos dentro deste novo agir como sendo um dispositivo heurístico na proposta jonasiana, a qual é contrastada com a perspectiva emotivista.

Palavras-chave: Ética, Responsabilidade, Emotivismo.

Abstract: In view of the frightening advance of technique and science all ethics that have manifested themselves throughout human history until now have not been able to solve certain questions because these traditional ethical systems are insufficient (not useless) as far as they are either anthropocentric or using an immediate current mode of thought. In his work “*The Principle of Responsibility*” Jonas proposes to fill this vacuum that traditional ethical systems have not been able to answer. Using his proposal as reference this paper will show the place of emotions and affections in that new way of acting as a heuristic dispositive in Jonasian proposal by contrasting it to the emotivism perspective.

Keywords: Ethics, Responsibility, Emotionalism.

Introdução

O filósofo alemão Hans Jonas (1903-1993) desenvolve em seu pensamento uma ética que se diferencia das tradicionais, pois a preocupação desse novo agir não diz respeito somente à presente humanidade, e também não somente está preocupada com a relação do homem com o próprio homem, como fazem as éticas tradicionais, ela está acima de tudo preocupada com a vida, ou seja, com a natureza e com as futuras gerações. A preocupação de Jonas é ontológica, é com a vida. O presente texto preocupar-se-á em mostrar o papel relevante que desempenham os afetos e as emoções dentro dessa nova ética, pois de certo

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia – UFPI.

modo a proposta de Jonas possui um *vis* “emotivista”. Portanto o que Jonas quer é que haja uma interação dos sentimentos com a razão, pois os sentimentos e os afetos ocupam um lugar de importância na ética da responsabilidade. Não que a função desempenhada pelos sentimentos e dos afetos seja suficiente a esse novo formato de imperativo ético; esse novo agir está acima das emoções, porém ele mesmo se utiliza das emoções e dos afetos.

Hans Jonas coloca que antes da ascensão do poder tecnológico do homem nada do que o mesmo se propusesse a fazer poderia afetar ou colocar em risco a vida humana ou a integridade da natureza, mas que com a soltura do *Prometeu*², o que representa o aumento da capacidade tecnológica do homem, todas as éticas e pensamentos tradicionais se tornaram incapazes de lidar com tal situação. Até então, observa Jonas, todas as éticas têm girado em torno de um único núcleo, o homem, ou seja, a significação ética dizia respeito ao relacionamento direto do homem com o homem, inclusive de cada homem consigo mesmo; toda ética tradicional é antropocêntrica³.

O homem não demonstrava nenhuma preocupação para com outra forma de vida que não fosse a sua própria, daí a ideia da ética antropocêntrica. Ele sempre viu a natureza e tudo ao seu redor apenas como meio para satisfazer suas necessidades, como também suas ambições tecnológicas e científicas.

A nova ética jonasiana propõe um princípio que se une aos princípios tradicionais como o do amor ao próximo, a máxima do agir kantiano e outros. O diferencial do princípio responsabilidade, analisando-o na perspectiva do tema deste trabalho, é que ele não está subjugado às verdades emotivas, não cognitivas, pois o agir que Jonas propõe não é um agir não-cognitivo, como aquele do emotivismo que age pautado nos sentimentos, sem preceitos ético-morais. O *ethos* proposto por Jonas é aquele que faz uso dos afetos e das emoções como motivadores psicológicos do comportamento ético, ou seja, na ética da responsabilidade jonasiana os afetos e as emoções atuam como peça fundamental para o desenvolvimento do agir proposto por Jonas, e não como determinadores desse novo agir. É poder-se-á observar no decorrer deste trabalho que Jonas deixa bem claro, principalmente, que esse dito motivador psicológico, o qual possui atuação de grande importância, se transcreve na figura do “medo (temor)”, o sentimento de medo mediante os resultados desastrosos da utilização da técnica, o qual Jonas toma como sendo base heurística deste novo agir assinalado em *O Princípio Responsabilidade*.

Homem, natureza e responsabilidade

Para que possa haver um entendimento da proposta ética que faz Hans Jonas é necessário que se destaque, em primeira instância, pois este é o ponto de partida, o choque causado pelas bombas nucleares do final da segunda guerra mundial, que para ele foi o marco que incitou a pensar sobre o abuso que o homem tem exercido sobre aquilo que ele tem aprendido a dominar, a técnica. Pois até aquele momento não tinha havido a percepção de que o homem com o seu poder tenha se tornado um perigo tão ameaçador e destrutivo para a humanidade e para a vida como um todo.

Vale à pena realçar também o papel que todas as propostas éticas anteriores tem desenvolvido ao longo da história do homem, o de sempre tentar elaborar um conjunto de regras ou princípios para nortear o agir humano. Mas todas as tentativas feitas pelas éticas anteriores no contexto contemporâneo não mais são suficientes para sanar a carência

2 Na mitologia Prometeu é acusado de roubar o fogo dos deuses e entregá-lo aos homens tornando assim os homens superiores aos demais animais.

3 JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC - Rio, 2006. p.35.

na qual se encontram o homem e todo o ecossistema. Pois agora o *homo sapiens* não mais domina o *homo faber*, na verdade, mediante as transformações tecnológicas e científicas, a situação tem sido invertida. Agora o *homo faber* é que subjuga o *homo sapiens*, daí a urgência de construir uma nova ética, que seja diferente das tradicionais, postulando um agir que se adeque, que seja proporcional ao contexto em que vive o homem, e no qual ele parece ter perdido a racionalidade. O homem agora deve buscar uma ética que tenha como princípio norteador a responsabilidade deste para consigo mesmo e para com todas as outras formas de vida. Jonas frisa que a natureza alterada pela ação do homem altera consequentemente a própria natureza da ética e da política⁴, ou seja, ao mesmo tempo em que o homem modifica a natureza isso implica a uma automodificação deste. Desta forma vê-se a necessidade da criação de um novo agir que dê conta deste novo contexto onde a irresponsabilidade tem se apossado do agir humano.

A proposta ética kantiana, por exemplo, que também à semelhança das demais éticas tradicionais, pode ser chamada de antropocêntrica, afirma que o agir moral deve ser tal que os homens não sejam tratados apenas com meio, mas como fins em si mesmos. É notório que não há uma preocupação com a natureza, com o meio ambiente no qual o homem está inserido, mas a exclusiva preocupação com a reciprocidade entre os homens. Então a base da nova proposta ética será que não se veja somente o homem como um fim em si mesmo, mas que igualmente a natureza seja também vista como tal, pois ela é colocada na qualidade de detentora de um bem intrínseco, o que a qualifica a ser tratada como “um fim em si mesma”, e não como apenas um meio para sanar as necessidades do homem.

Ao homem de hoje é necessária uma ética que seja capaz de ir além dos limites da previsão imediata, uma ética que não seja somente voltada para o próprio homem, imediatista, pois a responsabilidade do homem para com ele e para com toda forma de vida se tornou algo que precisa ser acentuado pelo homem mais do que a de tempos anteriores de sua existência, e somente ele pode assumir essa responsabilidade, pois o homem é o *Dasein* heideggeriano. Isso significa que a humanidade não pode mais agir para com a natureza como se isso não fosse fazer diferença alguma, pois o homem está ligado à natureza, e sendo assim deve haver uma obrigação ética para com ela.

Os ditames para o novo imperativo ético

Para dar uma fundamentação válida à sua proposta de um novo agir, de tal forma que seja diferenciado das propostas éticas tradicionais, Jonas levanta duas questões básicas para demonstrar como será o funcionamento desse novo agir. A primeira é *quais são os fundamentos de uma ética, tal como a exigida pelo novo agir?* E a segunda é *quais são as perspectivas de que a disciplina que ela obriga se imponha nas circunstâncias práticas do homem*⁵. Isso significa que sua proposta não pode em hipótese alguma ser subjetiva, tem que ser obrigatoriamente uma teoria de valor político, que envolva o todo da sociedade e que se articule dentro do campo da moral, e além do mais, ela precisa ser prática, pois ela tem que dar conta tanto das relações do homem para consigo mesmo quanto deste para com as outras formas de vida.

Uma grande dificuldade que permeia esse novo agir consiste em se vencer o paradigma da imediatividade que é comum a todas as éticas anteriores, pois um dos grandes

⁴ JONAS, Hans. *Ética, medicina e técnica*. Tradução: António Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 1994. p.12.

⁵ JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC - Rio, 2006. p.69.

problemas identificado por Jonas nessas éticas anteriores é justamente a falta de reciprocidade para com as futuras gerações. Todas as propostas éticas se preocupam com a condição do homem no aqui e agora, mas não há uma preocupação em relação àqueles que habitarão o planeta daqui a uns cem anos, por exemplo. Isso acaba por se tornar um problema gravíssimo, porque se em suas ações o homem não leva em consideração os efeitos que podem ocorrer em longo prazo ele pode com isso está decretando a sua própria extinção. Então se entende que esse novo agir precisa ser partilhado por todos e, ainda que desejado por poucos, deve ser um desejo que venha a ser universalizado, deve haver um sentimento de preocupação das presentes gerações para com as futuras, principalmente a preocupação da possibilidade da não existência dessas futuras gerações, incluindo não somente a preocupação com o homem, mas também com a natureza. O querer que as futuras gerações possam existir deve ir além do desejo de poucos, ou do desejo de um único indivíduo, este desejo deve ser compartilhado por todos, pois diferentemente do emotivismo, onde os juízos morais desempenham somente uma função expressiva⁶, aqui o desejo de que as futuras gerações possam existir é um juízo de valor moral. O problema é como fazer com que todos pautem suas ações por tal princípio?

Neste momento Jonas tem uma proposta, mas é importante colocar que esse saber não estará limitado às emoções, ou seja, esse saber, o desejo de que as futuras gerações tenham favoráveis condições de vida, deve ser elaborado a partir de uma teoria que advenha de um princípio inteligível, bem elaborado, pois apesar dela se utilizar das emoções e dos afetos como um motivador psicológico ele deve ser racional. Parece estar claro que o desejo de que a vida permaneça no futuro acaba se tornando uma espécie de base, porém ainda não uma teoria completa, para o novo agir almejado pelo princípio da responsabilidade. A conclusão de que a vida é um bem surge de uma tomada de decisão refletida, tal decisão não pode ser arbitrária, ela leva em consideração uma gama de possibilidades que são medidas por um método que Jonas denomina *heurística do medo*, o temor em meio à possibilidade de que no futuro não haja a permanência de uma vida autêntica no planeta.

A heurística jonasiana e o novo agir

Até aqui ficou claro que mediante o novo poderio tecnológico e científico do homem todas as éticas que foram elaboradas até então são insuficientes para lidar com esses novos problemas que advêm no bojo da técnica e da ciência avançada, em suma pode-se dizer que elas ainda têm em si o seu valor teórico e também prático, ou seja, não que Jonas com essa nova proposta esteja pretendendo abolir com todos os modelos éticos anteriores, mas ele somente quer mostrar a inutilidades desses modelos anteriores mediante esse novo contexto tecnológico. Ora, todas se tornaram incapazes de lidar com a nova e inusitada situação em que se encontra o mundo; à medida que a técnica vai avançando ela vai deixando o saber humano para trás, o que caracteriza o domínio do *homo faber* sobre o *homo sapiens*, e o que antes era previsível agora se tornou um estado de indecisão ao homem. O fato é que cada avanço tanto da ciência como da técnica significa uma diminuição do domínio humano sobre elas. Certamente isso significa um mal do ponto de vista da moralidade, pois esse não seria um bem para a humanidade. Essa sequência de fatos pode acarretar na extinção da vida como um todo e a extinção da vida seria uma negação extremada em toda a biosfera, porém somente o homem é dotado de responsabilidade para poder evitar esse fim, como também ele é o que pode causá-lo.

⁶ VÁZQUES, Adolfo Sánchez. *Ética*. 29 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. P. 243.

A questão consiste em como vencer essa dificuldade mediante a imprevisibilidade da consequência do nosso agir e a necessidade de evitar, por um lado, que a evolução da técnica humana conduza à autodestruição do homem, e, por outro lado, sufoque, ou mesmo pare tal evolução. Pois, aparentemente, a solução seria não mais utilizarmos a técnica, já que esta tem sido considerada a causa de tanta destruição e da possível extinção do planeta, ou seja, parece que o mal está na técnica. Porém, é interessante o que é acentuado por Giacoia Junior em seu artigo que tem por título “*Hans Jonas: Por que a técnica moderna é um objeto para a ética*” sobre o poderio do homem com relação à técnica. Giacoia afirma que toda capacidade “como tal” ou “em si” é boa e se torna má pelo mau uso⁷. Ou seja, o homem por mal uso de suas capacidades, por mal uso da técnica, tem feito desta, que a princípio seria um mero instrumento para servi-lo, um instrumento de destruição tanto da natureza como do próprio homem. Ora, lembremo-nos do caso da bomba nuclear citado acima, o qual consistia num projeto tecnológico que visava aperfeiçoar o poder bélico norte-americano, mas que eles não tinham ideia das drásticas consequências da manipulação técnica da energia nuclear. É claro que a energia nuclear poderia ter sido usada para o bem da humanidade, mas vimos que a falta de previsão do uso de técnicas como essa podem ser fatais à humanidade. Isso mostra que a técnica não é um mal em si, mas o homem é que a perverte. Tal condição do homem nos lembra o mito do *Rei Midas*⁸. Para tentar dar conta desse problema, o que Jonas propõe é um método que tem como orientador o sentimento de medo, visado prever as consequências nocivas à vida colocada acima de qualquer outra perspectiva de aperfeiçoamento da técnica. Como já foi posto antes, essa heurística do sentimento de temor não será a teoria propriamente dita de Jonas, mas um ponto bastante relevante, pois

ao preconizar que “dada a ausência de certezas, levando-se em conta os conhecimentos científicos e técnicos do momento, não se deve retardar a adoção de medidas efetivas e em exata proporção que visem prevenir um risco de prejuízos graves e irreversíveis ao meio ambiente, a um custo economicamente aceitável” é, obviamente, influenciado pela heurística do temor de Jonas⁹.

Então o “medo” não é de fato o ponto principal da proposta teórica feita por Jonas, mas é um importante dispositivo heurístico do novo imperativo ético que é proposto por ele, pois a partir de tal sentimento, o medo da possibilidade de que não haja vida no futuro, é que se poderá fazer a escolha da permanência de vida autêntica no planeta, e é a partir daqui que será construído o seu novo imperativo ético¹⁰.

Como se pode notar, a heurística do medo é o primeiro passo para adentrar-se à ética almejada pelo princípio responsabilidade, mas é preciso explicitar de que maneira funcionará e quais os seus instrumentos. Jonas deixa claro que o temor do qual ele fala não se trata daquele temor do tipo “patológico”, mas sim de um temor do tipo espiritual¹¹. “A adoção dessa atitude, ou seja, a disposição para se deixar afetar pela salvação ou pela

⁷ GIACOIA, Oswaldo J. *Natureza Humana* 1(2):407-420,1999. p. 03.

⁸ Midas era um rei completamente apaixonado por dinheiro e, apesar de milionário, queria ter sempre mais para ser a criatura mais rica do planeta. Quando Baco lhe ofereceu a realização de um desejo, como recompensa por ele ter cuidado de um amigo, Midas pediu o poder de transformar em ouro tudo o que tocasse. Baco percebeu que esse desejo significava a destruição de Midas, mas, como havia prometido realizar qualquer desejo, cumpriu a palavra.

⁹ ALENCASTRO, Mário S. C. *A ética de Hans Jonas: alcances e limites sob uma perspectiva naturalista*. Curitiba, 2007. p. 111.

¹⁰ JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC - Rio, 2006. p. 47.

¹¹ Idem, p. 72.

desgraça (ainda que só imaginada) das gerações vindouras é o dever “introdutório” da ética almejada, após o primeiro dever, que é o de, acima de tudo, preservar a vida. Instruído por este dever maior o homem se torna propenso a evocar o temor correspondente¹².

Com isso, fica explicitado que o afetar-se pelo destino das gerações futuras, ou o da vida do planeta como um todo, se torna condição *sine qua non* e propedêutica ao novo imperativo ético que é proposto por Jonas. Que o medo, perante a possibilidade de um desastre, de um mal, é empregado como meio para influenciar o comportamento das pessoas com a finalidade de fazer com que ao se prever as possibilidades de desastres esses venham a serem evitados. É somente desta maneira que se pode fazer com que esse novo agir possa se mostrar político e prático ao mesmo tempo.

O princípio ético jonasiano, mesmo priorizando a existência do homem, que é o único que pode assumir a responsabilidade, de modo que não pode haver responsabilidade se o homem não existir, não é um princípio egoísta, a responsabilidade abarca o Ser, todos os seus aspectos, desde a sua existência bruta até os seus interesses mais elevados¹³. O homem prefigura a imagem do pai ou do governante, do pai educador que tem a responsabilidade de dar continuidade à historicidade da sociedade, pois essa é a obrigação do pai, fazer com que sua posteridade continue. Esse, fazendo parte da família ou da sociedade, é que têm a responsabilidade de dar o devido amparo àqueles que estão sob a sua tutela, pois sua responsabilidade não é apenas para como um único indivíduo, ela é política. Levado em conta esse contexto político, onde o governante tem por obrigação manter a integridade – sob todos os aspectos, inclusive existencial – do todo, Jonas propõe que se deve dar atenção à possibilidade de catástrofe, para que assim os governantes, motivados pelo afeto aos governados, tenham cautela e possam evitar o possível mal¹⁴.

Os sentimentos e os afetos: um dispositivo heurístico no princípio da responsabilidade

O novo imperativo ético que Jonas propõe é constituído da seguinte forma:

“aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a terra”; ou expresso negativamente: “aja de modo que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para possibilidade futura de uma tal vida”; ou simplesmente: “não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a terra”; ou, em um uso novamente positivo: “inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetivos do teu querer¹⁵”.

A questão levantada é por que devemos ser responsáveis para com as outras pessoas, inclusive pessoas que ainda nem existem, como aqueles que possivelmente só nascerão daqui a mil anos, e até mesmo para com a natureza, sendo que esta não é tida como parte da espécie humana? No livro *O Princípio Responsabilidade*, para tentar solucionar esse problema, Jonas apresenta a analogia quanto aos afetos e sentimentos fraternais. Que à semelhança da relação que há entre pais e filhos, os quais unidos por laços sentimentais e

¹² Idem, p. 77.

¹³ Idem, pág. 180.

¹⁴ GLUCK, Mário. *O princípio responsabilidade: uma ética impraticável/ Reflexões em torno da proposta política de Jonas*. Revista e filosofia, v. 18 n° 22, p. 37-55, jan./jun. 2006. p. 52.

¹⁵ JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC - Rio, 2006. p. 47.

de afeto, a relação do homem com a natureza deve ser tal qual à do homem para com ele mesmo,

existe uma relação de afeto, semelhante ao amor, por parte do indivíduo político em face da coletividade cujo destino ele pretende guiar, pois essa coletividade é “sua” em um sentido bem mais profundo do que aquele de uma comunidade de interesses: ele surgiu dessa coletividade (em regra e se tornou o que é graças a ela e, por isso, ele não é o seu pai, mas o “filho” do seu povo e da sua terra (...) esse fato engendra algo mais do que uma simples obrigação: uma identificação emocional com o coletivo, o sentimento de “solidariedade”, que é análogo ao amor pelos indivíduos¹⁶.

O fato é que será praticamente inviável que alguém venha a assumir algum tipo de responsabilidade por outro alguém ou por algo com o qual não tenha algum tipo de afeto ou ligação sentimental, ou seja, sem que haja essa ligação emocional que existe de um homem para com outro e, ao mesmo tempo, do homem para com a natureza. É imprescindível que mediante ao quadro crítico e de risco em que se encontram, não somente a natureza como também o homem, é preciso que haja uma atitude de responsabilidade por parte do homem que é o único habilitado a isso. Da mesma forma, para que a heurística do medo possa ter resultado é preciso que se veja algum valor moral em relação ao meio ambiente para que assim se possa temer a perda ou degradação da natureza. Em outras palavras, o apego emocional pelas futuras gerações pela natureza e pela vida, é que incita o homem a priorizar os prognósticos de desastres.

Certamente que a proposta do novo imperativo ético jonasiano merece uma devida atenção, pois sua proposta abarca não apenas uma forma de vida (como em outras éticas que somente se importam com o valor da vida humana), ela leva em consideração a vida como um todo. O que Jonas quer mostrar é a urgente necessidade de que toda a humanidade se manifeste a favor da vida. Entre o homem e natureza não há um que seja mais importante em relação ao outro, pois assim como o homem precisa das mais variadas formas de vida para sua sobrevivência, ele também necessita de assumir determinadas responsabilidades para com ela.

No mundo em que vivemos, um mundo capitalista, parece ser impossível aplicar uma ética tal como a do “*Princípio Responsabilidade*”, que necessita da “comoção” da humanidade como um todo para que a proposta possa funcionar. O homem é o responsável pela vida como um todo. O caminho a ser trilhado para que esse imperativo seja aplicado consiste em demonstrar os afetos e sentimentos que há entre o homem e a natureza, sentimento como o medo do desastre do mal uso da técnica e o afeto pelas futuras gerações. Se a vida é tida como um bem desejado, e intrínseco em si, em comparação a não existência da mesma, é dever do homem preservar sua integridade. A permanência da vida humana no planeta está diretamente ligada à preservação da natureza. Os afetos e sentimentos, os quais brotam dessa análoga relação entre “pais e filhos”, relação essa que pressupõem sentimentos como o amor, sentimento esse que há no pai como sendo o autor exclusivo da nova vida, que ele possui em relação às presentes e futuras gerações precisam também ser direcionados à natureza.

Mas a sua integridade não é nada mais do que sua manifestação do apelo à humanidade, cada vez maior e mais afinada por parte dos seus representantes, sempre bastante deficientes. Guardar tal patrimônio contra os perigos do tempo e contra a própria ação dos homens não é um fim utópico, mas tampouco se trata de um fim tão

¹⁶ Idem, p. 183.

humilde. Trata-se de assumir a responsabilidade pelo futuro do homem¹⁷.

Texto recebido em: 15/08/2011
Aceito para publicação em: 18/10/2011

¹⁷ Idem, p. 353.